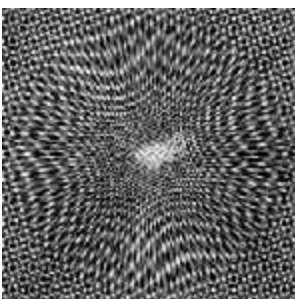




maldito! maldito! exclama o poeta ao ver velas em seu túmulo - malditos os ossos que já são seus, meu caro senhor das terrras, desde minha infancessência mal vivida, são seus. fugir? NÃO, queimar. são correntes perfunescas que me prendem em ti, em meio ao cheiro desse enxifre vão, sou orfeu de cores frutilizadas. são... o teto fogo de mim. enfim... nem mesmo me vejo no espantalho. nem mesmo tem-se o sol, a força que vão aos cegos. maldito! agora grita...olhando os olhos do fogo, do teto, de mim - enfim... vem mesmo, te dando flores do fim. tem mesmo, olhos labaredos. e tantos enredos. olhos labaredos, e outras estórias que li. olhos barbatônicos, min de mim, olhos artifictícios, outras chamas que vi. olhos destilhaçados, fin da o fim. calendoloscópicos calegendários! e faz-se o oco no ar, que perfurúncula o pulmão, com ósperas palavras púrpuras e macios signos de silêncio. calem-se. e deixem as esquinas dizerem seus nomes. calem-se. e deixem as mulheres fazerem seus homens. estamos nus, encruzalados em dor, transmelandrados em flor.



mauricio dotto martucci . novembro de 1999